

PSICOLOGIA

Argumento



periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento

Lembranças dos estilos parentais da infância e sua associação com a ansiedade na vida adulta

Memories of childhood parenting styles and their association with anxiety in adulthood

Recuerdos de los estilos parentales de la infancia y su asociación con la ansiedad en la vida adulta

MANOELA FONTELLES ^[A] 

ITAJAÍ, SC, BRASIL

^[A] UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ (UNIVALI), DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA.

SOFIA DE OLIVEIRA DEZIDÉRIO ^[B] 

ITAJAÍ, SC, BRASIL

^[B] UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ (UNIVALI), DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

MARIAJOSÉ LOUISE CARO SCHULZ ^[C] 

ITAJAÍ, SC, BRASIL

^[C] UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ (UNIVALI)

Como citar: FONTELLES, M.; DEZIDÉRIO, S. O.; SCHULZ, M. L. C. Lembranças dos estilos parentais da infância e sua associação com a ansiedade na vida adulta. *Psicologia Argumento*, 44(124) 1501-1518, 2026.

[a] Psicóloga, e-mail: manoela_fontelles@hotmail.com

[b] Psicóloga, e-mail: dezideriosofia@gmail.com

[c] Doutora em Psicologia, e-mail: mc.schulz@hotmail.com

Resumo

Os estilos parentais têm um grande impacto na saúde mental dos filhos, especialmente no desenvolvimento de sintomas de ansiedade. Este estudo teve como objetivo investigar a correlação entre os estilos parentais lembrados da infância e adolescência e a manifestação de traços de ansiedade na vida adulta. Trata-se de um estudo quantitativo, transversal, descritivo e correlacional. Para analisar as relações e interações dos participantes com os pais ao longo da infância e adolescência, utilizou-se a Escala de Lembranças sobre Práticas Parentais (EMBU), que avalia as dimensões Rejeição, Calor Emocional e Superproteção. Para investigar a prevalência de traços de ansiedade dos participantes, foi utilizado o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE-T). Fizeram parte do estudo 362 jovens adultos. A correlação entre os questionários foi calculada a partir do coeficiente de correlação de Pearson. Os resultados indicaram uma correlação negativa entre Calor Emocional e traços de ansiedade ($r = -0,414$; $p < 0,01$), sugerindo que um ambiente familiar seguro e acolhedor, caracterizado por afeto e responsividade, está associado a menores níveis de ansiedade na vida adulta. Em contrapartida, observou-se uma correlação positiva entre Rejeição ($r = 0,423$; $p < 0,01$) e Superproteção ($r = 0,282$; $p < 0,01$) com traços de ansiedade, indicando que práticas parentais pouco acolhedoras ou excessivamente controladoras estão relacionadas a níveis mais elevados de ansiedade na vida adulta.

Palavras-chaves: Ansiedade. Estilos parentais. Memórias da infância. Parentalidade. Práticas parentais.

Abstract

Parenting styles have a significant impact on children's mental health, especially in the development of anxiety symptoms. This study aimed to investigate the correlation between parenting styles recalled from childhood and adolescence and the manifestation of anxiety traits in adulthood. It is a quantitative, cross-sectional, descriptive, and correlational study. To analyze participants' relationships and interactions with their parents throughout childhood and adolescence, the Egná Minnen Beträffande Uppfostran (EMBU) scale was used, assessing the dimensions of Rejection, Emotional Warmth, and Overprotection. To assess the prevalence of anxiety traits, the State-Trait Anxiety Inventory (STAI-T) was applied. The study included 362 young adults, and the correlation between the questionnaires was calculated using Pearson's correlation coefficient. The results indicated a negative correlation between Emotional Warmth and anxiety traits ($r = -0.414$; $p < 0.01$), suggesting that a secure and supportive family environment, characterized by affection and responsiveness, is associated with lower levels of anxiety in adulthood. Conversely, a positive correlation was found between Rejection ($r = 0.423$; $p < 0.01$) and Overprotection ($r = 0.282$; $p < 0.01$) with anxiety traits, indicating that less supportive or overly controlling parenting practices are related to higher levels of anxiety in adulthood.

Keywords: Anxiety. Childhood memories. Parenting styles. Parenting practices. Parenthood.

Resumen

Los estilos parentales tienen un gran impacto en la salud mental de los hijos, especialmente en el desarrollo de síntomas de ansiedad. Este estudio tuvo como objetivo investigar la correlación entre los estilos parentales recordados de la infancia y la adolescencia y la manifestación de rasgos de ansiedad en la vida adulta. Se trata de un estudio cuantitativo, transversal, descriptivo y correlacional. Para analizar las relaciones e interacciones de los participantes con sus padres a lo largo de la infancia y la adolescencia, se utilizó la Escala de Recuerdos sobre Prácticas Parentales (EMBU), que evalúa las dimensiones de Rechazo, Calidez Emocional y Sobreprotección. Para examinar la prevalencia de rasgos de ansiedad en los participantes, se aplicó el Inventario de Ansiedad Rasgo-Estado (IDATE-T). En el estudio participaron 362 jóvenes adultos. La correlación entre los cuestionarios se calculó mediante el coeficiente de correlación de Pearson. Los resultados indicaron una correlación negativa entre Calidez Emocional y rasgos de ansiedad ($r = -0,414$; $p < 0,01$), lo que sugiere que un ambiente familiar seguro y acogedor, caracterizado por afecto y sensibilidad, está asociado con menores niveles de ansiedad en la vida adulta. Por el contrario, se observó una correlación positiva entre Rechazo ($r = 0,423$; $p < 0,01$) y Sobreprotección ($r = 0,282$; $p < 0,01$) con rasgos de ansiedad, lo que indica que las prácticas parentales poco acogedoras o excesivamente controladoras están relacionadas con niveles más altos de ansiedad en la vida adulta.

Palabras clave: Ansiedad. Estilos parentales. Parentalidad. Prácticas parentales. Recuerdos de la infancia.

1. Introdução

A literatura tem destacado que o ambiente familiar exerce uma influência significativa no desenvolvimento físico, cognitivo e emocional dos filhos, sendo considerado o primeiro contexto social no qual a criança se desenvolve. As interações familiares, moldadas por diferentes estilos parentais, são vistas como fatores determinantes para o desenvolvimento global dos filhos. Os estilos parentais podem ser definidos como um conjunto de atitudes, crenças e práticas adotadas pelos pais na educação dos filhos, refletindo a maneira como interagem com eles, estabelecem limites, demonstram afeto, oferecem apoio e comunicam expectativas (Baumrind, 1967; Darling & Steinberg, 2017; Wang, 2023).

Considerando a evidente influência do ambiente familiar no desenvolvimento infantil, pesquisadores dedicaram-se a investigar os fatores que mediam essa relação. Entre os modelos teóricos que se propõem a conceituar os estilos parentais, destacam-se algumas vertentes que se complementaram ao longo do tempo. Diana Baumrind (1966), pioneira na área, identificou inicialmente os estilos autoritativo, permissivo e autoritário. Posteriormente, Maccoby e Martin (1983) enriqueceram essa classificação ao propor o estilo parental negligente. E, por fim, o estilo parental superprotetor, nomeado pela primeira vez na literatura em 1990 como “parentalidade helicóptero” foi desenvolvido e aprimorado pelos pesquisadores Cline e Flay (2020), assim ampliando ainda mais a compreensão das diferentes formas de interação entre pais e filhos.

A teoria de Baumrind propõe através da integração de aspectos afetivos e comportamentais três estilos parentais, o estilo autoritativo também intitulado de democrático, caracteriza pais que estimulam a liberdade e autonomia de seus filhos, suas regras e expectativas são claras, consistentes e abrem espaço para diálogo acerca de tais imposições. Pais autoritativos são acolhedores, mas também utilizam de métodos disciplinares adequados quando necessário. Tais métodos estão associados a finalidade de apoio ao invés de punição como utilizado pelos pais autoritários (Baumrind, 1966; Sanvictores & Méndez, 2022).

Por outro lado, o estilo parental autoritário é definido por regras rígidas e expectativas elevadas, frequentemente irrealistas. Pais autoritários aplicam punições severas, que muitas vezes incluem castigos físicos ou privações, e demonstram alto nível de exigência e controle, porém baixa responsividade (Lawrenz et al., 2020). Dificuldades para impor limites e solicitar exigências são atributos de pais norteados pelo estilo parental indulgente, ou também chamado de permissivo. Esse estilo parental é enfatizado pela flexibilidade exagerada, esquívamento de conflitos, não estabelecimento de regras e são extremamente compreensivos (Baumrind, 1966).

Pais percebidos como negligentes são aqueles que não demonstram interesse em acolher as necessidades de seus filhos, não exprimem afeto, e tampouco subsidiam suporte emocional. O referido estilo parental também é caracterizado por escasso envolvimento na vida dos filhos e ausência de um estilo disciplinar específico e de comunicação (Maccoby & Martin, 1983; Sanvictores & Méndez, 2022). Ademais, foi incorporado à literatura um quinto estilo parental, denominado superprotetor, caracterizado pelo controle excessivo e pela proteção constante contra qualquer sofrimento ou fracasso que os filhos possam enfrentar (Cline & Flay, 2020).

Muito se tem discutido na literatura atual acerca dos impactos dos estilos parentais no desenvolvimento emocional dos filhos (Li; Qian & Wang, 2023; Rebessi, 2021; Rogers et al., 2020). Um estudo realizado com 404 adultos japoneses evidenciou uma correlação significativa entre os estilos parentais experienciados na infância e a presença de sintomas de ansiedade na vida adulta. Os resultados indicaram que experiências parentais aversivas estão associadas a níveis mais elevados de ansiedade, esses dados sugerem que as experiências parentais durante a infância podem moldar a vulnerabilidade individual ao desenvolvimento de transtornos de ansiedade ao longo da vida (Seki et al., 2023).

A ansiedade, um construto central na pesquisa apresentada, pode ser definida como um conjunto de manifestações normais do ser humano a circunstâncias potencialmente perigosas e aversivas. Diferente do sentimento de medo, que é caracterizado por um temor a um objeto ou circunstância determinada, a ansiedade se trata da antecipação de uma ameaça futura, podendo ser difusa ou não. Este estado afetivo natural provoca reações

automáticas de tensão, alerta e previsão de eventos ameaçadores, que podem ser úteis para a sobrevivência (Moura et al., 2022). Pode tornar-se patológica quando o indivíduo determina as situações de medo ou perigo de forma incompatível com a realidade, produzindo manifestações clínicas que geram sofrimento significativo, ou prejuízo no funcionamento social e ocupacional (American Psychiatric Association, 2022).

O diagnóstico de um transtorno de ansiedade ocorre quando os sintomas são persistentes (com duração maior de 6 meses por exemplo) e excessivos, avaliados por um profissional clínico como desproporcionais às situações apresentadas. Apesar dos transtornos de ansiedade possuírem características comuns, diferenciam-se principalmente pelos fatores desencadeantes, natureza dos medos envolvidos e pela maneira como os sintomas se apresentam (Frota, Campos, Moura, Paula & 2022). No Brasil, a ansiedade já se qualifica como uma das condições mais frequentemente observadas, presente em 9,3% da população geral, destacando-se entre todos os países do mundo. Um estudo brasileiro ainda encontrou prevalência de 27,4% de casos de ansiedade entre os participantes de 18 e 25 anos de idade (Costa, 2019).

O conceito de ansiedade foi dividido por Biaggio, Natalício, Spielberg (1977) em dois grupos distintos: ansiedade-estado, que se refere a um estado emocional temporário de tensão, intensidade e duração subjetivos, caracterizado como transitório e que pode variar com o tempo. Já a ansiedade-traço trata-se de uma tendência relativamente estável de responder com ansiedade a situações estressantes ou potencialmente ameaçadoras. O surgimento de um estado de ansiedade envolve a percepção de estímulos considerados perigosos ou aversivos, enquanto o surgimento do traço-ansiedade pode estar relacionado a diferenças individuais, estruturas e modo habitual e consistente de reação de um indivíduo (Rosa, 2013). Compreender os fatores que contribuem para o surgimento de ansiedade leva à necessidade de explorar contextos familiares, especialmente os estilos parentais experimentados na infância.

Apesar do grande número de estudos existentes sobre o tema de estilos parentais, notou-se uma lacuna na literatura brasileira sobre estudos que investigam se existe uma relação entre os estilos parentais vivenciados na infância e sintomas de ansiedade na vida adulta. Os estudos disponíveis que estabeleceram uma relação, tiveram como variável especificamente a ansiedade social e não traços de ansiedade de forma geral (Ferreira, 2019; Reis & Landim, 2021; Ribeiro et al., 2023). Uma pesquisa japonesa indicou relações entre os estilos parentais da infância e ansiedade na vida adulta (Seki et al., 2023), mas a produção nacional sobre o tema é escassa, justificando a necessidade de estudos que possibilitem a generalização dos achados para o contexto brasileiro.

Diante desse cenário, foi formulada a seguinte pergunta de pesquisa: existe uma correlação entre os estilos parentais experienciados na infância e o desenvolvimento de traços de ansiedade na vida adulta? Portanto, o presente estudo teve como objetivo analisar a correlação entre os estilos parentais lembrados da infância e adolescência e a manifestação de ansiedade na vida adulta.

2. Método

2.1 Delineamento

O presente estudo trata-se de um estudo quantitativo, transversal e correlacional descritivo. Uma pesquisa quantitativa busca validar uma hipótese, através de dados estatísticos e estruturados. A partir da pesquisa quantitativa é possível ter maior compreensão do problema, já que permite a quantificação de uma grande amostra de casos representativos, e uma generalização dos resultados de uma amostra (Oliveira, 2011). Já o caráter transversal é definido como um método de pesquisa epidemiológica em que o fator e o efeito são analisados em um momento pontual, essa abordagem não possui o intuito de acompanhamento dos participantes por um longo período de tempo e expõe a frequência e a prevalência dos fenômenos explorados (Fontelles, 2009).

Quanto ao caráter descritivo, caracteriza-se por um método que procura determinar opiniões sobre os resultados obtidos, através da descrição e análise. Uma das técnicas dentro das pesquisas descritivas, é a correlacional,

que tem como objetivo explorar relações existentes entre variáveis, com exceção da relação causa-efeito (Oliveira, 2011).

2.2 Participantes

Participaram deste estudo jovens adultos do sexo masculino e feminino, considerando a faixa etária de “jovens adultos” com idade de 18 a 25 anos. Foi utilizada uma amostra por conveniência, em função da disponibilidade e acessibilidade, que de acordo com Oliveira (2011) trata-se de uma amostragem não probabilística, em que a população é selecionada pelos autores por mais fácil alcance. Ao presente estudo, foram determinados jovens adultos, que residem no Brasil. Pretendeu-se com esta amostra obter informações sobre a infância e adolescência dos indivíduos, solicitando que eles lembrassem sobre práticas de seus pais ou cuidadores, e por isso escolheu-se jovens adultos (maiores de 18 anos), de ambos os sexos como participantes. Para selecionar os participantes do estudo, foram definidos os critérios: (1) jovens adultos com idades entre 18 e 25 anos; (2) residir no Brasil; (3) ter convivido total ou parcialmente com um ou os dois pais/ cuidadores durante a infância e adolescência, independentemente de situações como separações, guarda compartilhada, falecimento ou outras circunstâncias.

No que diz respeito à caracterização sociodemográfica dos participantes. Participaram deste estudo 362 jovens adultos, sendo 321 do sexo feminino e 32 do sexo masculino. Com relação ao nível de escolaridade dos participantes 64,6% (234) possuem ensino superior incompleto enquanto 6,9% (25) possuem ensino superior completo. 21,3% (77) têm ensino médio completo, 0,6% (2) ensino técnico incompleto, 2,5% (9) possuem ensino técnico completo e 3,9% (14) possuem pós-graduação. Da amostra total, 87,6% (317) dos participantes estão cursando ensino superior, enquanto 6,1% (22) não estão estudando no momento. Com relação às características do lar no qual os participantes foram criados 73,5% (266) cresceram em lares com a presença de ambos os pais biológicos, 20,7% (75) foram criados por apenas um dos pais biológicos. 3,9% (14) foram criados por outros membros da família ou comunidade, enquanto apenas 1,7% (6) foram criados por pais adotivos.

Quanto à percepção dos participantes com relação ao seu status socioeconômico, 47,8% (173) consideravam que após pagar as contas sobrava o bastante para comprar um pouco do que queriam. 28,5% (103) consideravam que após pagar as contas não sobrava o bastante para comprar o que queriam, e por fim 23,8% (86) consideravam que após pagar as contas sobrava o bastante para comprar a maioria do que queriam.

2.3 Instrumentos

2.3.1 Escala de Lembranças Parentais (EMBU)

A Escala de Lembranças Parentais (Scale of Parental Memories), é um questionário que tem como objetivo avaliar a percepção dos adultos em relação aos estilos parentais exercidos por seus progenitores durante a infância e adolescência. Foi um instrumento elaborado por Perris, Jacobson, Lindstorm e Von Knorring (1980). Inicialmente desenvolvido para a avaliação em adultos, a versão original do instrumento continha 81 questões, o que segundo Arrindell et al. (1999), acarretava desvantagens práticas devido a sua natureza extensiva, configurando-se como um teste de prolongada duração. Composta por 23 itens, a versão que foi validada por Arrindell et al (1999) possuía uma amostra de 2442 estudantes de quatro países: Itália, Hungria, Guatemala e Grécia. O estudo posteriormente foi estendido por Arrindell e colaboradores (2001) a 791 estudantes do leste da Alemanha e Suécia, os resultados obtidos demonstraram a validade e confiabilidade do instrumento proposto equiparáveis ao EMBU original composto por 81 itens.

Ademais, o EMBU foi validado no Brasil por Kobarg, Vieira e Vieira (2010) em um estudo no qual participaram 454 universitários, onde o questionário de 23 itens passou a possuir 21. O item 17 foi excluído, por não apresentar carga fatorial suficiente para aparecer em nenhuma das dimensões do estudo. Os autores supõem que por se tratar do único item invertido da escala, apresentou dificuldade na compreensão por parte dos indivíduos. O item 5 também foi

removido pois esteve incluído em duas dimensões: Superproteção e Calor Emocional possuindo cargas fatoriais muito similares. O questionário é composto por 21 questões que avaliam a frequência de ocorrência de práticas educativas específicas ao decorrer da infância e adolescência do indivíduo, em relação aos seus pais, dispõe de uma escala Likert de 4 pontos: (1) Não, nunca; (2) Sim, ocasionalmente; (3) Sim, frequentemente; e (4) Sim, a maior parte do tempo. As 21 questões avaliam 3 dimensões distintas, sendo elas Rejeição, Calor Emocional e Superproteção. O fator Rejeição é definido como comportamentos com ausência de afeto e crítica constante, com a intenção de mudar a vontade do filho como indivíduo. O fator Calor Emocional é definido como uma série de comportamentos que geram sensação de conforto, segurança e suporte por parte dos pais ou cuidadores. Já a dimensão Superproteção, é compreendida como o excesso de cuidados e preocupações por parte dos pais, intrusão nas atividades dos filhos e imposição de regras rígidas (Canavarro, 1996; Kobarg; Vieira & Vieira, 2010; Perris et al., 1980).

Embora o EMBU não avalie os estilos parentais de forma categórica conforme as tipologias clássicas, sua escolha foi fundamentada na pertinência e validade psicométrica para o contexto da pesquisa. O instrumento foi selecionado por ser uma das ferramentas mais consolidadas para mensurar percepções retroativas das práticas parentais, apresentando boa adaptação e uso em estudos brasileiros. Assim, optou-se por realizar uma articulação teórica entre as dimensões do EMBU e os conceitos clássicos de estilos parentais, de modo a interpretar os resultados à luz do referencial teórico adotado.

2.3.2 Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE-T)

O Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE-T), foi desenvolvido por Gorsuch e Spielberger (1970) e traduzido e validado para o Brasil por Biaggio e Natalício (1977). O IDATE dispõe de duas escalas, o IDATE-E que avalia a ansiedade enquanto estado, e o IDATE-T que considera os traços de ansiedade. Cada uma das escalas é constituída por 20 questões, e as possibilidades de respostas são apresentadas em uma escala Likert de 4 pontos: 1- quase nunca; 2- às vezes; 3- frequentemente; 4- quase sempre. Para as duas escalas o sujeito é orientado a ler cada item e assinalar qual resposta corresponde melhor, sendo na escala estado, como o participante se sente “agora, neste momento” e na escala traço, como “geralmente” se sente. Para o presente estudo, foi utilizado apenas a escala traço do IDATE-T para avaliar a ansiedade de forma mais abrangente, uma vez que a escala de estado mede apenas os níveis de ansiedade em um momento específico. A somatória dos valores obtidos em cada resposta (escore final) pode variar de 20 a 80 pontos, e corresponde ao nível de ansiedade, em que 0 a 33 pontos equivalem a baixo nível de ansiedade; 34 a 49 pontos médio nível de ansiedade; e 50 a 80 pontos, a alto nível de ansiedade.

2.4 Procedimentos

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética, o processo de recrutamento de participantes foi iniciado mediante a divulgação do projeto através das redes sociais e de contatos das pesquisadoras via e-mail com instituições universitárias. As informações necessárias para participação foram enviadas de forma clara e completa por e-mail, visando garantir a compreensão adequada dos potenciais participantes. A coleta de dados foi realizada de maneira online, utilizando um formulário especialmente desenvolvido para este fim. Este formulário contém não apenas perguntas relevantes para a pesquisa, mas também incluiu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Além disso, foram fornecidas instruções detalhadas para orientar os participantes no preenchimento das respostas. É crucial ressaltar que durante todo o processo, a confidencialidade e o sigilo dos resultados obtidos foram rigorosamente mantidos. Os participantes obtiveram informações sobre o conteúdo das informações coletadas e foram assegurados sobre a proteção de sua privacidade. A escolha de participar ou não do estudo foi totalmente livre, reforçando o respeito à autonomia dos envolvidos. O comprometimento ético e a transparência foram prioridades ao longo de todo o processo de coleta de dados.

A realização desta pesquisa foi desenvolvida com base em parâmetros éticos, de acordo com a Resolução CNS 466, de 12 de dezembro de 2012 que dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, em conformidade com sua complementar, a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dessa forma, foi submetida para avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Itajaí (CEP/UNIVALI) e aprovada sob parecer nº 6.886.170 em 13 de junho de 2024, e a coleta de dados ocorreu de julho a agosto de 2024.

2.5 Análise de dados

O procedimento estatístico de análise de dados foi conduzido por meio do software estatístico SPSS (Statistical Package for Social Sciences). Para verificar possíveis erros de envio do formulário ou respostas de participantes que não se encaixavam nos critérios de inclusão foi realizada a limpeza dos dados. Com a amostra inicial de 415 participantes, 47 foram excluídos por não estarem dentro da faixa etária delimitada como critério de participação. Um participante foi excluído por residir fora do Brasil e um por não aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa. Além disso, 4 participantes foram excluídos, por nunca terem tido contato com os pais ou cuidadores, visto que não atendiam ao critério de inclusão deste estudo, que teve como objetivo investigar a interação dos participantes com seus pais ou cuidadores. Após a limpeza do banco de dados, a amostra final foi de 362 participantes.

Durante a coleta de dados da pesquisa, buscou-se minimizar dados faltantes. Porém, foram encontrados alguns dados ausentes no banco. Para verificar se esses dados faltantes eram aleatórios, aplicou-se o teste "Missing Completely at Random" (MCAR). O questionário IDATE-T obteve significância de 0,815 e o EMBU de 0,946, indicando aleatoriedade completa, o que permitiu a substituição dos dados. Utilizou-se a técnica de substituição Expected Maximization (EM), que estima dados ausentes com base em correlações, ajustando repetidamente os parâmetros do modelo até que os valores estimados se estabilizem.

Depois de ter realizado a limpeza dos dados, deu-se prosseguimento à análise descritiva, a qual abrange a coleta, preparação e descrição dos dados, focando em frequências, médias, desvios padrão e porcentagens das variáveis. Já a análise inferencial estima características de uma população com base em uma amostra. Usou-se a correlação de Pearson para verificar se existiam correlações entre as variáveis dos questionários EMBU e IDATE-T, medindo a força e direção da correlação. O coeficiente de correlação de Pearson indica uma forte correlação negativa quando os valores estão próximos de -1, enquanto os valores próximos de 1 indicam uma forte correlação positiva. Para o presente estudo, foi utilizado a classificação de correlação fraca como $r = 0,10$ até $0,30$, moderada $r = 0,40$ até $0,60$ e forte $r = 0,70$ até 1 (Dancey & Reidy, 2006). Ademais, para esta análise, o nível de significância adotado foi de 0,05.

3. Resultados

3.1 Caracterização da Escala de Lembranças sobre Práticas Parentais (EMBU)

Para caracterizar as dimensões do EMBU foram realizados os seguintes procedimentos: cálculo das médias obtidas a partir de suas dimensões e do escore geral; comparação das dimensões por pares; correlações entre as dimensões e análises a partir dos itens do instrumento.

O questionário EMBU utiliza uma escala Likert de 4 pontos: (1) Não, nunca; (2) Sim, ocasionalmente; (3) Sim, frequentemente; e (4) Sim, a maior parte do tempo. Sendo que a média geral do EMBU foi de 2,25 (DP=0,39). Ao analisar a escala em suas dimensões, constatou-se que Superproteção obteve média de 2,27 (DP=0,75), Rejeição média de 1,87 (DP=0,70) e Calor emocional média de 2,68 (DP=0,79).

Dessa forma, dentre as dimensões, o item com maior escore foi de Calor Emocional, que diz respeito ao comportamento parental que demonstra afeto e carinho, no qual os pais consideram as opiniões dos filhos e os auxiliam e encorajam em momentos de dificuldade. Já a dimensão com menor escore foi a de Rejeição, que engloba itens que

refletem atitudes negativas ou hostis dos pais em relação aos filhos, como uso de punições físicas, negligência emocional e a ausência de sensibilidade.

Durante as análises, foi realizada a correlação de Pearson entre as dimensões (Tabela 1) e observou-se que o Calor Emocional obteve uma correlação negativa moderada com a Rejeição ($r=-0,529$ $p<0,01$), indicando que à medida em que aumenta a percepção dos participantes sobre o Calor Emocional recebido dos pais, diminui significativamente a percepção de Rejeição. Por outro lado, foi identificada uma correlação fraca negativa entre Calor Emocional e Superproteção ($r=-0,166$ $p<0,01$), sugerindo uma relação menos intensa entre essas duas dimensões. A Rejeição, por sua vez, apresentou uma correlação positiva e moderada com a Superproteção ($r=0,500$ $p<0,01$), indicando que a percepção de rejeição parental tende a coexistir com a percepção de superproteção.

Tabela 1 - Correlação entre as dimensões do EMBU

	Superproteção	Calor Emocional	Rejeição
Superproteção		-0.163**	0.482 **
Calor Emocional			-0.525**
Rejeição			

** $p<0,01$

3.2 Caracterização do Inventário de Ansiedade-Traço

Para caracterizar o questionário IDATE-T foi realizado o cálculo da média geral e frequência dos níveis de ansiedade. O questionário IDATE-T utiliza uma escala Likert de 4 pontos: 1) Quase nunca; 2) Às vezes; 3) Frequentemente; 4) Quase sempre, em que a soma total pode variar de 20 a 80 pontos, e ao calcular a média geral dos resultados, obteve-se 51,97 (DP=10,9). O instrumento é classificado em três níveis de ansiedade, sendo eles baixo (0 a 33 pontos), médio (34 a 49 pontos) e alto (50 a 80 pontos). Da amostra total foi obtido que 56,9% (206) participantes apresentaram alto nível de ansiedade, 39% (141) indicaram médio nível de ansiedade e apenas 4,1% (15) demonstraram baixo nível de ansiedade (Tabela 2).

Tabela 2 - Comparação entre frequência dos níveis de ansiedade do IDATE-T

Nível de ansiedade	Frequência	Porcentagem %
Baixo	15	4.1
Médio	141	39.0
Alto	206	54.9

3.3 Correlação entre EMBU e IDATE-T

Para verificar a correlação entre as dimensões do questionário EMBU e o questionário IDATE-T realizou-se o cálculo do coeficiente de correlação de Pearson como mostrado na Tabela 3. Nota-se que o escore geral do IDATE-T teve correlações significativas com todas as dimensões do EMBU. O escore da dimensão Calor Emocional correlacionou-se negativamente com traços de ansiedade ($r=-0,414$; $p<0,01$), o que indicou uma correlação moderada entre as variáveis. Isso demonstra que indivíduos que tiveram um estilo parental com maior nível de calor emocional tendem a apresentar menor nível de ansiedade. Por outro lado, observou-se uma correlação positiva entre os escores das dimensões Rejeição ($r=0,423$; $p<0,01$), e Superproteção ($r=0,282$; $p<0,01$). Enquanto a dimensão Rejeição indicou uma correlação moderada, a superproteção demonstrou uma correlação fraca. Apontando que indivíduos que vivenciaram um estilo parental com maior nível de rejeição e superproteção, apresentaram maior ansiedade.

Tabela 3 - Correlação entre as dimensões do EMBU e IDATE-T

	EMBU Superproteção	EMBU Calor Emocional	EMBU Rejeição	IDATE-T Ansiedade
EMBU Superproteção				
EMBU Calor Emocional				
EMBU Rejeição				
IDATE-T	0,282**	-0,414**	0,423**	

**p<0,01

4. Discussão

O objetivo principal do presente estudo foi investigar a relação entre os estilos parentais lembrados da infância e adolescência e a manifestação de traços de ansiedade na vida adulta. Os dados obtidos a partir da amostra demonstraram a importância do Calor Emocional, um componente central do estilo parental autoritativo. O estilo parental autoritativo, caracteriza-se por responsividade e abertura ao diálogo, mas que também utiliza métodos disciplinares adequados quando necessário, sempre respeitando a integridade dos filhos. Neste estudo, os resultados indicaram uma associação negativa entre o estilo parental autoritativo e os traços de ansiedade, sugerindo que quanto maior o Calor Emocional demonstrado pelos pais, menor a probabilidade de seus filhos apresentarem níveis elevados de ansiedade.

Esse dado corrobora com uma vasta literatura que aponta a parentalidade autoritativa como um fator de proteção para o desenvolvimento de sintomas de ansiedade nos filhos (Choong, 2023; Jain & Charma, 2024; Rebessi, 2021; Schoeps et al., 2020; Yaffe, 2021). Complementando essa perspectiva, um estudo realizado com 2.179 adolescentes indicou que esse estilo parental foi associado negativamente ao desenvolvimento de sintomas de ansiedade e depressão (Qiu et al., 2022). Ao observar esse estilo parental com relação a outros fenômenos, a literatura demonstra consistentemente que a parentalidade autoritativa é a mais adequada para o desenvolvimento pleno dos filhos. Esses indivíduos tendem a ser mais saudáveis, confiantes, com boas habilidades sociais, independentes, com bom desempenho acadêmico e menos propensos a desenvolver transtornos psiquiátricos (Masud et al., 2019; Morales & López, 2021; Oliveira et al., 2022; Schoeps et al., 2020).

Por outro lado, a Rejeição é um elemento central do estilo parental autoritário, caracterizado por rigidez, alta exigência e ausência de comunicação. Já a Superproteção vem sendo atrelada aos estilos parentais superprotetores, marcados por controle e proteção excessiva de qualquer tipo de sofrimento ou fracasso que venha a ocorrer com seus filhos (Cline & Flay, 2020). Os resultados demonstraram que tais condutas parentais apresentaram associações positivas com traços de ansiedade, ou seja, quanto mais os participantes do estudo percebiam a presença de rigidez excessiva e superproteção por parte de seus pais, maiores eram seus níveis de ansiedade.

A ausência de um ambiente familiar estável e seguro, caracterizado pelo alto nível de exigência e baixa responsividade, gera um ambiente instável e pouco acolhedor para aqueles que o vivenciam. Consequentemente, filhos criados em lares marcados pela parentalidade autoritária possuem uma maior vulnerabilidade a desenvolver sintomas de ansiedade (Qiu et al., 2022). Por outro lado, a Superproteção embora pareça ter o intuito de proteger os filhos, pode ter efeitos contraproducentes. Dados de um estudo longitudinal realizado com 500 adolescentes foram ao encontro dos resultados da presente pesquisa, demonstrando que há uma relação entre pais superprotetores e o desenvolvimento de sintomas de ansiedade e depressão em seus filhos (Rogers et al., 2020).

Ademais, os resultados indicaram que a maior parte da amostra apresentou um alto nível de ansiedade (56% dos participantes), assim observa-se que os resultados deste estudo corroboram com a crescente preocupação com a saúde mental no Brasil, que enfrenta altas taxas de ansiedade em sua população (Mangolini, Andrade & Wang, 2019).

Diversos fatores sociodemográficos podem estar associados à ansiedade, entre eles o sexo e idade se ressaltam. De acordo com os resultados do Inquérito Telefônico de Comportamentos de Riscos para Doenças Crônicas em Tempos de Pandemia (Covitel), que entrevistou mais de 9 mil brasileiros através de um questionário respondido por telefone, a prevalência de ansiedade na população em 2023 foi de 26,8% sendo que a faixa etária mais acometida foi de 18 a 24 anos, com taxa de 31,6%. Neste inquérito, a ansiedade foi mensurada por meio de autorrelato de diagnóstico médico prévio (Hallal, 2023).

Estudos têm apontado a maior ocorrência de sintomas ansiosos em jovens, do que em outras faixas etárias (Arruda et al., 2020; Costa, 2019; Mangolini, Andrade & Wang, 2019). Uma das razões para isso poderia ser a pressão social que caracteriza esta fase da vida, em relação às mudanças, adaptação a novos ambientes, aumento das responsabilidades e das expectativas profissionais e acadêmicas. (Carvalho et al., 2015; Fragelli & Fragelli, 2021). A ansiedade é um fenômeno que favorece o desempenho e a adaptação em diferentes situações da vida, porém, a sua ocorrência de forma exacerbada pode gerar prejuízos significativos na vida do indivíduo (Carvalho et al., 2015; Munhoz et al., 2019). Além dos fatores relacionados à transição para a vida adulta, o ambiente familiar e a qualidade das relações com os pais são elementos cruciais para compreender os altos níveis de ansiedade em jovens adultos. Relações familiares disfuncionais, excesso de expectativas ou ausência de apoio emocional podem intensificar a vulnerabilidade a sintomas ansiosos nesse grupo etário. Segundo Fragelli e Fragelli (2021), jovens que enfrentam conflitos familiares ou que vivem em contextos de negligência ou superproteção são mais propensos a desenvolver ansiedade em níveis elevados. A dinâmica familiar, muitas vezes permeada por cobranças, comparações e falta de diálogo, pode se tornar uma fonte constante de pressão, especialmente em um período da vida em que o indivíduo busca autonomia e identidade.

Outro ponto pertinente a ser analisado é que a amostra da presente pesquisa foi predominantemente composta por mulheres, sendo 321 participantes do sexo feminino e apenas 32 do sexo masculino, o que corrobora com dados que mostram que mulheres possuem maior probabilidade de apresentar sintomatologias ansiosas quando comparadas com homens. Alguns autores indicam que a pressão social, cultura machista, e a dupla jornada podem contribuir para a instauração e manutenção de quadros ansiosos em mulheres (Mangolini, Andrade & Wang, 2019; Munhoz et al., 2019). Logo, é relevante considerar que a predominância do público feminino na amostra deste estudo pode ter contribuído para a prevalência de traços de ansiedade, ao considerar que esse sexo é considerado como fator de risco para o desenvolvimento desse quadro. Estes dados estão em consonância com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR (American Psychiatric Association, 2022), que também identifica a maior incidência do sexo feminino nos transtornos de ansiedade.

No entanto, há um forte consenso na literatura de que indivíduos criados em lares caracterizados por falta de apoio emocional, ausência de comunicação e controle excessivo, por exemplo, tendem a manifestar ansiedade de uma forma mais elevada (Li; Qian; Wang, 2023; Rogers et al., 2020; Suo et al., 2025; Qiu et al., 2022). Além disso, estudos com amostras mais heterogêneas com relação ao sexo, também demonstraram níveis expressivos de ansiedade, que vão ao encontro aos resultados do presente estudo, sugerindo que essa condição é generalizada entre indivíduos que vivenciam condutas parentais aversivas e não têm se restringido a um determinado grupo populacional (Campos et al., 2021; Gorostiaga et al., 2019; Jain & Sharma, 2024; Reis & Landim, 2021; Qiu et al., 2022; Zhang & Zhenhong, 2024).

Vários fatores, como o contexto social, cultural e socioeconômico, contribuem para moldar as práticas parentais, influenciando diretamente no modo como pais e cuidadores se relacionam com os filhos. Belsky (1984) realizou estudos pioneiros voltados aos determinantes parentais, e caracterizou a parentalidade como um fenômeno complexo, afetado por fatores internos e externos. O autor propôs os determinantes da parentalidade como uma interação entre as características e traços de personalidade dos pais, as características da criança e o amplo contexto social da família. Destacou-se com seus estudos, a importância de entender como estes elementos interagem para

influenciar o funcionamento parental. As pesquisas de Belsky ajudaram a estabelecer uma base teórica para pesquisas futuras sobre a dinâmica familiar e a parentalidade.

Posteriormente, novos estudos sugeriram o status socioeconômico como um fator que também influencia as práticas parentais. Um estudo concluiu que pais com menores condições socioeconômicas são mais propensos a usar punições físicas e estilos autoritários, enquanto pais de maior condição socioeconômica tendem a utilizar técnicas disciplinares mais psicológicas como raciocínio e apelos à culpa (Hoff & Laursen, 2019; Peixuan, 2023). Além disso, a cultura também é profundamente influente nas práticas parentais. Enquanto a parentalidade autoritativa é vista como eficaz em muitas culturas ocidentais, em algumas culturas asiáticas, o estilo autoritário é valorizado, visto que essas culturas tendem a considerar importantes aspectos como, obediência, disciplina e respeito à autoridade (Arafat et al., 2020).

Nos últimos anos, os estudos sobre parentalidade se intensificaram e diferentes programas de parentalidade têm surgido com o objetivo de oferecer aos pais e cuidadores ferramentas para promover práticas parentais mais saudáveis, tais como Famílias Fortes, Triple P e Adults and Children Together (ACT). Esses programas são fundamentados em intervenções baseadas em evidências que visam fortalecer as habilidades parentais e assim, melhorar tanto o bem-estar das crianças quanto o dos pais (Schulz, Haslam, Morawska, 2021; Schilling et al., 2019)

Os resultados das intervenções de programas parentais demonstram efeitos significativos na redução de problemas comportamentais em crianças, diminuição dos incidentes de abuso infantil e na promoção de vínculos familiares saudáveis. Isso ocorre, pois, estes programas buscam utilizar diferentes estratégias como instrução teórica, exercícios práticos, vídeos, módulos online e suporte contínuo para que os pais consigam implementar novas habilidades em sua rotina diária (Shapiro, Prinz & Sanders, 2014). Ao capacitar os pais com um conjunto de práticas positivas, essa estrutura de apoio tem um impacto não só imediato, mas também duradouro, contribuindo para que as crianças desenvolvam habilidades emocionais sólidas e autoconfiança, reduzindo a probabilidade de dificuldades como ansiedade, baixa autoestima e insegurança nas relações (Li; Peng & Li, 2021).

Além dos benefícios diretos na saúde emocional e comportamental das crianças e dos pais, os programas de parentalidade apresentam um bom custo-benefício à economia quando comparados aos gastos associados às consequências dos maus-tratos ou negligência, por exemplo (Schilling et al., 2019). Dentre eles, destaca-se o Programa de Parentalidade Positiva (Positive Parenting Program - Triple P), o qual existe há mais de trinta anos e tem sido implementado em mais de trinta países. O programa Triple P se baseia em um modelo de saúde pública e também é uma medida de intervenção preventiva, com diferentes formatos e baixo custo de investimento. Um estudo de eficácia examinou os impactos da implementação do Triple P na Carolina do Norte, Estados Unidos, e teve resultados que demonstraram redução de 4% na taxa de maus-tratos infantis. Revelou também que os custos econômicos dos maus-tratos são enormes. Nos EUA em 2015 o custo por este tipo de violência para o governo foi de aproximadamente US\$ 428 bilhões (Schilling et al., 2019).

Ao considerar a realidade do Brasil, estimativas feitas por pesquisadores do Instituto de Economia Aplicada (IPEA) e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública indicam que o custo anual da violência no Brasil equivale a 7,1% do Produto Interno Bruto (PIB), aproximadamente 373 bilhões de reais, em valores de 2019 (Costa, 2022). Ao considerar esses dados, observa-se que o investimento em programas de educação parental parece ser uma forma de reduzir os impactos que a violência tem não só na vida de uma pessoa, mas na economia de uma nação. Portanto, é crucial que políticas públicas sejam direcionadas para o fortalecimento e a ampliação de iniciativas que visem a educação parental.

Um grande avanço recente é a Lei da Parentalidade Positiva (Lei nº 14.826/2024), que busca prevenir a violência contra crianças e promover um ambiente saudável de desenvolvimento. Essa legislação estabelece a importância do apoio emocional e da educação não violenta, além de garantir o direito das crianças ao brincar de forma segura e respeitosa. Em nível estadual e municipal, algumas iniciativas têm sido implementadas como o programa Famílias Fortes, buscando reduzir incidentes de maus-tratos infantis. Esses tipos de proposta são fundamentais para

democratizar o acesso à educação parental e prevenção de problemas sociais mais amplos (Carozzo, 2021; Miranda, 2016).

Os impactos positivos de programas parentais e intervenções que combatem a violência vão muito além dos números e estatísticas, influenciando profundamente no bem-estar a longo prazo de cada indivíduo envolvido. Ao oferecer ferramentas para um ambiente familiar mais acolhedor e seguro, esses programas criam condições para o desenvolvimento de habilidades emocionais, como a empatia, a confiança e a autonomia. Ao vivenciar uma relação mais harmônica com os pais, o indivíduo pode fortalecer seu controle emocional, autopercepção, autoconfiança e a sua forma de agir no mundo. Essas intervenções não apenas previnem danos imediatos, mas também plantam sementes para que indivíduos cresçam com maior resiliência, capazes de lidar com adversidades de maneira mais saudável. Assim, o verdadeiro valor de tais programas reside na transformação silenciosa e profunda que promovem na vida de cada sujeito, ajudando-o a ressignificar experiências e construir um futuro mais consciente e integrado (Li; Peng & Li, 2021).

Portanto, observa-se que investir em programas de educação parental, é uma estratégia que pode gerar benefícios a longo prazo, tanto para as famílias quanto para a sociedade. Cada real (R\$) investido em programas de prevenção podem resultar em economias consideráveis em áreas como saúde, segurança e assistência social (Costa, 2022). Além disso, observa-se com o presente estudo como as práticas parentais têm efeitos a longo prazo, também impactando na qualidade de vida do sujeito. Fortalecer a prevenção e disseminar informação sobre esses aspectos é fundamental para a mudança de perspectivas e resultados de todas as proporções.

5. Considerações finais

O objetivo desta pesquisa foi investigar a associação entre os estilos parentais lembrados da infância e adolescência e a manifestação de traços de ansiedade na vida adulta. Os dados obtidos indicam que existem associações entre o estilo parental vivenciado na infância e adolescência e a presença de traços de ansiedade na vida adulta. Os resultados demonstraram uma correlação significativa entre o estilo parental autoritativo, caracterizado por Calor Emocional e níveis mais baixos de traços de ansiedade. Por outro lado, estilos parentais autoritários e superprotetores, marcados por Rejeição e Superproteção, demonstraram uma correlação significativa com níveis mais elevados de traços de ansiedade. Esses resultados sugerem que a ausência de um ambiente familiar seguro e acolhedor, marcado por afeto e limites claros ao decorrer da vida do indivíduo pode ser um fator de risco para o desenvolvimento de traços de ansiedade na vida adulta.

A literatura científica oferece um amplo conjunto de dados que corroboram com os resultados deste estudo, demonstrando que o estilo parental autoritativo está associado a vários benefícios para o desenvolvimento infantil, como maior bem-estar emocional, melhor desempenho acadêmico e melhores relações interpessoais. Ademais, este estudo, ao demonstrar uma possível relação entre estilos parentais e traços de ansiedade em jovens adultos, aborda uma área ainda pouco explorada na literatura científica nacional. Após uma abrangente revisão da literatura, foi possível identificar uma lacuna na literatura brasileira sobre a relação entre estilos parentais e traços de ansiedade em jovens adultos. Embora tenhamos identificado um estudo japonês que abordou essa temática, a escassez de pesquisas nacionais nessa área ressalta a relevância do presente estudo. Os resultados obtidos contribuem para ampliar o conhecimento sobre os fatores que podem influenciar a saúde mental de jovens adultos.

É importante ressaltar que este estudo apresenta algumas limitações metodológicas. A predominância do público feminino na amostra pode ter influenciado os resultados com relação aos altos níveis de ansiedade, uma vez que a literatura científica indica uma maior prevalência de transtornos ansiosos nesse sexo. Além disso, o delineamento transversal do estudo impede o estabelecimento de relação de causalidade entre as variáveis analisadas. Sendo assim, sugere-se que futuros estudos realizem pesquisas longitudinais com relação aos construtos explorados, o que poderia viabilizar uma análise mais completa e abrangente dos resultados obtidos na presente pesquisa.

Os dados deste estudo possuem importantes implicações práticas para a Psicologia, indicando a necessidade de intervenções que incluam a família, tendo em vista que as condutas parentais possuem impactos na saúde mental de seus filhos. Assim como, os resultados também destacam a importância de políticas públicas que fomentem a conscientização sobre estilos parentais e suas implicações no desenvolvimento dos filhos. Além da promoção de programas eficazes que visem propiciar a aquisição de condutas parentais mais adaptativas, assim objetivando proporcionar um ambiente familiar mais saudável e seguro, contribuindo para a prevenção da ansiedade em jovens.

Complementando essa perspectiva, como demonstrado anteriormente, alguns estudos indicaram que a implementação de programas de parentalidade precederam uma diminuição nas taxas de maus tratos infantis e violência. Assim, esses programas podem ser aliados estratégicos na implementação de políticas públicas, oferecendo aos pais as ferramentas e o suporte necessários para criar um ambiente familiar saudável. Considerando o custo econômico da violência no Brasil, a implementação em larga escala desses programas se mostra como uma estratégia eficaz para reduzir esses custos e promover o desenvolvimento integral das crianças.

Declaração de conflitos de interesse

As autoras declaram que o presente manuscrito não apresenta conflitos de interesse.

Referências

- American Psychiatric Association. (2022). Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5-TR (5th ed.).
- Arafat, S. M. Y., Akter, H., Islam, A. M., Shah, M. M. A., & Kabir, R. (2020). Parenting: Types, effects and cultural variation. *Asian Journal of Pediatric Research*, 3(3), 32–36. <https://typeset.io/pdf/parenting-types-effects-and-cultural-variation-Sahcjuivvk.pdf>
- Arrindell, W. A., Richter, J., Eisemann, M., Gärling, T., Rydén, O., Hansson, S. B., Kasielke, E., Frindte, W., Gillholm, R., & Gustafsson, M. (2001). The short-EMBU in East-Germany and Sweden: A cross-national factorial validity extension. *Scandinavian Journal of Psychology*, 42(2), 157–160. <https://doi.org/10.1111/1467-9450.00226>
- Arrindell, W. A., Sanavio, E., Aguilar, G., Sica, C., Hatzichristou, C., Eisemann, M., Recinos, L., Gaszner, P., Peter, M., Battagliese, G., Kállai, J., & Ende, J. (1999). The development of a short form of the EMBU: Its appraisal with students in Greece, Guatemala, Hungary and Italy. *Personality and Individual Differences*, 27, 613–628.
- Arruda, E. S., Bidu, N. S., Damasceno, R. S., & Rodrigues, R. L. A. (2020). Avaliação dos graus de ansiedade em acadêmicos de uma faculdade privada. *Scientia Medica*, 30(1). <https://doi.org/10.15448/1980-6108.2020.1.35209>
- Ayoub, M., & Bachir, M. (2023). A meta-analysis of the relations between socioeconomic status and parenting practices. *Psychological Reports*. <https://doi.org/10.1177/00332941231214215>
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative parental control on child behavior. In W. A. Collins (Ed.), *Minnesota Symposia on Child Psychology* (Vol. 1, pp. 3–37).
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75, 43–88.
- Baumrind, D. (1975). The contributions of the family to the development of competence in children. *Schizophrenia Bulletin*, 1(14), 12–37. <https://academic.oup.com/schizophreniabulletin/article/1/14/12/1885490?login=false>
- Baumrind, D. (1978). Parental disciplinary patterns and social competence in children. *Youth and Society*, 9(3), 239–267.

- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55(1), 84-86.
- Brasil. Conselho Nacional de Justiça. (2020). Diagnóstico sobre o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento. CNJ.
- Brasil. Conselho Nacional de Saúde. (2012). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Conselho Nacional de Saúde. Recuperado em 11 de março de 2014, de http://www.conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.html
- Brasil. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2024). Censo da Educação Superior 2024: notas estatísticas. Inep. Recuperado em 11 de novembro de 2024, de <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/mec-e-inep-divulgam-resultado-do-censo-superior-2023>
- Brasil. (2024). Lei nº 14.826, de 20 de março de 2024. Diário Oficial da União: Seção 1. Recuperado de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14826.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.826%2C%20DE%2020%20DE%20MAR%C3%87O%20DE%202024&text=Institui%20a%20parentalidade%20positiva%20e,24%20de%20maio%20de%202022.
- Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. Análise Psicológica. ISPA Instituto Universitário. Recuperado de <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/807/732>. Acesso em 20 set. de 2023.
- Carozzo, N. P. P. (2021). *Avaliação do Programa Famílias Fortes (PFF 10-14): impactos sobre estilos parentais e comunicação mãe-filho(a)*. Tese de doutorado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto. Recuperado de <https://hdl.handle.net/10216/134107>. Acesso em 10 nov. de 2024.
- Cline, F., & Flay, J. (2020). *Parentalidade com amor e lógica: Ensinando responsabilidade às crianças*. Colorado Springs: NavPress Publishing Group.
- Canavarro, M. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: Estudos psicométricos. *Psychologica*, 16, 5-18.
- Carvalho, E. A., Bertonili, S. M. G., Milani, R. G., & Martins, M. C. (2015). Índice de ansiedade em universitários ingressantes e concluintes de uma instituição de ensino superior. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 14(3), 1290.
- Choong, M. (2023). The effect of parenting styles on development of adolescent's social anxiety. *Journal of Education, Humanities and Social Sciences*, 8, 1810–1816. <https://doi.org/10.54097/ehss.v8i.4589>
- Costa, C. E. C. (2022). *Os custos econômicos da violência no Brasil*. Monografia de graduação em Ciências Econômicas, Faculdade de Estudos Sociais da Universidade Federal do Amazonas.
- Costa, C. O. d., Branco, J. C., Vieira, I. S., Souza, L. D. d. M., & Silva, R. A. d. (2019). Prevalência de ansiedade e fatores associados em adultos. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 68(2), 92–100. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000232>
- Criss, S., Grant, L., Henderson, N., Sease, K., Fumo, M., & Stetler, C. (2021). Changing attitudes about spanking: A mixed-methods study of a positive parenting intervention. *Journal of Child and Family Studies*, 30(10), 2504-2515.
- Dancey, C., & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para psicologia: Usando SPSS para Windows*. Artmed.
- Darling, N., & Steinberg, L. (2017). Parenting style as context: An integrative model. In R. Zukauskienė (Ed.), *Interpersonal development* (pp. 477–487). Routledge.
- Fatemisough, H., Moradi, A., Dastgerdi, M. V., & Fatemi, R. (2024). Relationship between parenting styles and tendency to addiction in Iran: A systematic review and meta-analysis. *Iranian Journal of Public Health*. <https://doi.org/10.18502/ijph.v53i1.14684>

- Ferreira, D. I. T. (2019). *Influência do estilo parental nos níveis de ansiedade social e autoestima em adolescentes* [Dissertação de mestrado, Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida]. Repositório CORE. <https://core.ac.uk/download/pdf/288868471.pdf>
- Fontelles, M. J., Simões, M. G., Farias, S. H., & Fontelles, R. G. S. (2009). *Metodologia da pesquisa científica: Diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa [Protocolo de pesquisa, Núcleo de Bioestatística Aplicado à pesquisa da Universidade da Amazônia]*. <https://docs.bvsalud.org/upload/S/0101-5907/2009/v23n3/a1967.pdf>
- Fragelli, T. B. O., & Fragelli, R. R. (2021). Por que os estudantes universitários apresentam estresse, ansiedade e depressão? Uma rapid review de estudos longitudinais. *Revista Docência do Ensino Superior*, 11. <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2021.29593>
- Frota, I. J., Moura Fé, A. A. C. de, Paula, F. T. M. de, Moura, V. E. G. S. de, & Campos, E. de M. (2022). Transtornos de ansiedade: Histórico, aspectos clínicos e classificações atuais. *Journal of Health and Biological Sciences*, 10(1), 1–8. <https://doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v10i1.3971.p1-8.2022>
- Gorostiaga, A., Aliri, J., Balluerka, N., & Lameirinhas, J. (2019). Parenting styles and internalizing symptoms in adolescence: A systematic literature review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(17). <https://doi.org/10.3390/ijerph16173192>
- Hoff, E., & Laursen, B. (2019). Socioeconomic status and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Biology and ecology of parenting* (3rd ed., pp. 421–447). Routledge/Taylor & Francis Group. <https://doi.org/10.4324/9780429401459-13>
- Hallal, P. C., Rocha, A. C. C. A., Sardinha, L. M. V., Barros, A. J. D., & Wehrmeister, F. C. (2023). Inquérito telefônico de fatores de risco para doenças crônicas não transmissíveis em tempos de pandemia (Covitel): Aspectos metodológicos. *Cadernos de Saúde Pública*, 39, e00248922. <https://doi.org/10.1590/0102-311xpt248922>
- Horácio, A. F. G. (2018). *Aprender na interação: Efeitos dos estilos parentais na capacidade de aprendizagem com base em feedback* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa.
- Jain, D., & Sharma, D. M. L. (2024). Parenting style as correlates of anxiety among young adults. *International Journal for Research in Applied Science and Engineering Technology*, 12(5), 94–109. <https://doi.org/10.22214/ijraset.2024.61344>
- Kadoglou, M., Tziaka, E., Samakouri, M., & Serdari, A. (2023). Preschoolers and anxiety: The effect of parental characteristics. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*. <https://doi.org/10.1111/jcap.12445>
- Kobarg, A. P. R., Vieira, V., & Vieira, M. L. (2010). Validação da escala de lembranças sobre práticas parentais. *Avaliação Psicológica*, 9(1), 77-85. Recuperado em 06 de novembro de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712010000100009&lng=pt&nrm=iso
- Koller, S. H., Couto, M. C. P. de P., & Hohendorff, J. V. (2014). *Manual de produção científica* [E-book]. Penso.
- Lanjekar, P. D., Joshi, S. H., Lanjekar, P. D., & Wagh, V. (2022). The effect of parenting and the parent-child relationship on a child's cognitive development: A literature review. *Cureus*. <https://doi.org/10.7759/cureus.30574>
- Lawrenz, P., Zeni, L. C., Arnoud, T. de C. J., Foschiera, L. N., & Habigzang, L. F. (2020). Estilos, práticas ou habilidades parentais: Como diferenciá-los?. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 16(1), 02–09. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20200002>
- Li, N., Peng, J., & Li, Y. (2021). Effects and moderators of Triple P on the social, emotional, and behavioral problems of children: Systematic review and meta-analysis. *Frontiers in Psychology*, 12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.709851>

- Lin, X., Yang, W., Xie, W., & Li, H. (2023). The integrative role of parenting styles and parental involvement in young children's science problem-solving skills. *Frontiers in Psychology*, 14. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1096846>
- Li, L., Qian, R., & Wang, Y. (2023). The influence of parenting styles on adolescents' anxiety and depression—the mediating role of self-efficacy. *SHS Web of Conferences*, 180, 02002. <https://doi.org/10.1051/shsconf/202318002002>
- Lopes, A. B., Souza, L. L. d., Camacho, L. F., Nogueira, S. F., Vasconcelos, A. C. M. C., Paula, L. T. d., Santos, M. d. O., Atavila, F. P., Cebarro, G. F., & Fernandes, R. W. B. (2021). Transtorno de ansiedade generalizada: Uma revisão narrativa. *Revista Eletrônica Acervo Científico*, 35, Artigo e8773. <https://doi.org/10.25248/reae.e8773.2021>
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington (Ed.), *Handbook of child psychology* (Vol. 4, pp. 1–101). Wiley.
- Mangolini, V. I., Andrade, L. H., & Wang, Y.-P. (2019). Epidemiologia dos transtornos de ansiedade em regiões do Brasil. *Revista de Medicina*, 98(6), 415–422. <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v98i6p415-422>
- Martins, B. G., Silva, W. R. da ., Maroco, J., & Campos, J. A. D. B.. (2019). Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse: propriedades psicométricas e prevalência das afetividades. *Jornal Brasileiro De Psiquiatria*, 68(1), 32–41. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000222>
- Masud, H., Ahmad, M. S., Cho, K. W., & Fakhr, Z. (2019). Parenting styles and aggression among young adolescents: A systematic review of literature. *Community Mental Health Journal*, 55(6), 1015–1030. <https://doi.org/10.1007/s10597-019-00400-0>
- Miranda, A. A. V. (2016). *Prevenindo o uso abusivo de drogas: Uma análise da difusão do programa Famílias Fortes no Brasil* [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório da Universidade de Brasília. Recuperado em 10 de novembro de 2024, de <http://repositorio.unb.br/handle/10482/21363>
- Morales, E. S., & Romero-López, M. (2021). Relationship of the family environment with social competence and behavioral problems in early childhood education children. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 19(55), 533–558. Recuperado de <https://digibug.ugr.es/bitstream/handle/10481/88261/Relationship%20of%20the%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Munhoz, G. P., Borges, G. R., Stoelben, J. C., & Petry, J. F. (2019). *O efeito da ansiedade sobre o desempenho acadêmico de alunos e o desempenho profissional de docentes e técnicos* [Relatório de pesquisa, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório da Universidade Federal de Santa Catarina. Recuperado de https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/201910/101_00218.pdf?sequence=1
- Oliveira, F. M. (2011). *Metodologia científica: Um manual para a realização de pesquisas em administração* [Trabalho de pós-graduação, Universidade Federal de Goiás]. Recuperado de https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf
- Oliveira, T. D. O., Costa, D. S., Alvim-Soares, A., de Paula, J. J., Kestelman, I., Silva, A. G., Malloy-Diniz, L. F., & Miranda, D. M. (2022). Children's behavioral problems, screen time, and sleep problems' association with negative and positive parenting strategies during the COVID-19 outbreak in Brazil. *Child Abuse & Neglect*. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2021.105345>
- Peixuan, C. (2023). Parental investment and social class: An exploration of socioeconomic influences on child development. *Advances in Economics and Management Research*. <https://doi.org/10.56028/aemr.7.1.671.2023>

- Perris, C., Jacobsson, L., Linndström, H., Knorrng, L., & Perris, H. (1980). Development of a new inventory for assessing memories of parental rearing behaviour. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 61(4), 265–274. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0447.1980.tb00581.x>
- Seki, T., Morishita, C., Ishii, Y., Deguchi, A., Higashiyama, M., Iwata, Y., Ono, M., Honyashiki, M., Masuya, J., Kusumi, I., & Inoue, T. (2023). Interpersonal sensitivity mediates the effects of perceived parenting styles on state anxiety and negative assessment of life events in adult volunteers from the community. *PCN Reports: Psychiatry and Clinical Neurosciences*, 2(2), e98. <https://doi.org/10.1002/pcn5.98>
- Reis, M. A., & Landim, I. (2021). Relação entre ansiedade social infantil e o uso de controle coercitivo por pais e/ou cuidadores. *Contextos Clínicos*, 14(1), 73–97. Recuperado em 23 de março de 2025, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822021000100005&lng=pt&tlng=pt
- Rebessi, I. P. (2021). *Percepção do estilo parental e relacionamento familiar: Impactos na qualidade de vida e sintomas internalizantes e externalizantes em adolescentes de 15 anos* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. Repositório da Universidade de São Paulo. Recuperado de https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-01022022-100556/publico/Dissertacao_Isabela_Pizzarro_Rebessi.pdf
- Ribeiro de Souza, K. M., Teixeira Lopes, R. D. C., Carneiro, L. S., Saraiva, P. C. Q. G., & Rolim Dantas dos Santos, W. (2023). Relações entre parentalidade e o transtorno de ansiedade social: Uma revisão sistemática. *Revista Valore*, 8. <https://doi.org/10.22408/rev8020231161e-8036>
- Rivers, A. S., Bosmans, G., Piovonetti Rivera, I., Ruan-lu, L., & Diamond, G. (2022). Maternal and paternal attachment in high-risk adolescents: Unique and interactive associations with anxiety and depressive symptoms. *Journal of Family Psychology: JFP: Journal of the Division of Family Psychology of the American Psychological Association (Division 43)*, 36(6), 954–963. <https://doi.org/10.1037/fam0000989>
- Rosa, N. M. F. (2013). *O reconhecimento de expressões faciais e ansiedade-traço* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Londrina]. Repositório da Universidade Estadual de Londrina.
- Rogers, A., Padilla-Walker, L., McLean, R., & Hurst, J. (2020). Trajetórias do controle psicológico parental percebido ao longo da adolescência e implicações para o desenvolvimento de sintomas depressivos e de ansiedade. *Journal of Youth and Adolescence*, 49(1), 136–149.
- Santos, A. (2022). *Parentalidade na infância: Relação com a parentalidade na infância e qualidade de vida atual* [Dissertação de mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. Repositório Institucional da Universidade Lusófona. Recuperado em 5 de setembro de 2023, de <https://recil.ensinulusofona.pt/bitstream/10437/12919/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Margarida%20Santos.pdf>
- Santos, A. P. S. (2024). *A morosidade procedimental do sistema de adoção no Brasil* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Presbiteriana Mackenzie]. Repositório Institucional da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Recuperado em 9 de novembro de 2024, de <https://adelpha-api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/88682e46-d985-4563-8972-bed58cdb5060/content>
- Sanvictores, T., & Mendez, M. (2022). *Types of parenting styles and effects on children*. StatPearls Publishing. Recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK568743/>
- Schavarem, L. N., & Toni, C. G. (2019). A relação entre as práticas educativas parentais e a autoestima da criança. *Pensando Famílias*, 23(2), 157–161. Recuperado em 5 de setembro de 2023, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v23n2/v23n2a12.pdf>

- Schilling, S., Lanier, P., Rose, R. A., Shanahan, M., & Zolotor, A. J. (2019). A quasi-experimental effectiveness study of Triple P on child maltreatment. *Journal of Family Violence*, 35(4), 373–383. <https://doi.org/10.1007/s10896-019-00043-5>
- Schulz, M.L.C., Haslam, D.M., Morawska, A. et al. The acceptability of Group Triple P with Brazilian parents. *J Child Fam Stud* 30, 1950–1964 (2021). <https://doi.org/10.1007/s10826-021-01998-0>
- Schoeps, K., Valero-Moreno, S., Perona, A. B., Pérez-Marín, M., & Montoya-Castilla, I. (2020). Childhood adaptation: Perception of the parenting style and the anxious-depressive symptomatology. *Journal for Specialists in Pediatric Nursing: JSPN*, 25(4), e12306. <https://doi.org/10.1111/jspn.12306>
- Shapiro, C. J., Prinz, R. J., & Sanders, M. R. (2014). Sustaining use of an evidence-based parenting intervention: Practitioner perspectives. *Journal of Child and Family Studies*, 24(6), 1615–1624. <https://doi.org/10.1007/s10826-014-9965-9>
- Silva, D. O., Silva, G. V. G., Andrade, J. M., Salomão, L. F. N., Trindade, V. T., & Bernardes, C. T. V. (2019). Fatores que influenciam a depressão na adolescência. *Revista Educação em Saúde*, 7, 296–299. <https://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/educacaoemsaude/article/view/3791>
- Siqueira-Campos, V. M., De Deus, M. S. C., Carneiro, L. A., Naghettini, A. V., Pereira, M. A. D., De Deus, J. M., & Conde, D. M. (2021). Dysfunctional parenting styles are associated with mental disorders and low self-efficacy beliefs in Brazilian undergraduate medical students. *BioMed Research International*, 2021, 1–10. <https://doi.org/10.1155/2021/6372922>
- Sousa, C. S. R. (2009). *A ansiedade social no jovem adulto: Sua relação com os estilos parentais e com a vinculação na infância* [Tese de mestrado, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório Institucional do ISCTE. <http://hdl.handle.net/10071/2108>
- Spielberger, C. D., Gorsuch, R. L., & Lushene, R. D. (1970). *STAI: Manual for the State–Trait Anxiety Inventory*. Consulting Psychologists Press.
- Spielberger, C. D., Biaggio, A. M. B., & Natalício, L. (1977). Desenvolvimento da forma experimental em português do Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE-T) de Spielberger. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 29(3), 31–44.
- Suo, X., Zhang, Y., Qin, Y., Niu, X., Niu, S., Guo, Y., Mu, F., Hu, M., Liu, Y., & Zhang, Y. (2025). Gender-specific network analysis of parenting styles, depressive symptoms, and anxiety symptoms among 5157 Chinese adolescents. *Journal of Affective Disorders*. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2025.03.040>
- Yaffe, Y. (2021). A narrative review of the relationship between parenting and anxiety disorders in children and adolescents. *International Journal of Adolescence and Youth*, 26(1), 449–459. <https://doi.org/10.1080/02673843.2021.1980067>
- Wang, Y. (2023). Influence of early family nurturing environment on children’s psychological and emotional social development. *Iranian Journal of Public Health*, 52(10), 2138–2147. <https://publish.kne-publishing.com/index.php/ijph/article/view/13852/13012>
- Watson, A., Dumuid, D., Maher, C., Frayssse, F., Mauch, C., Tomkinson, G. R., Ferguson, T., & Olds, T. (2023). Parenting styles and their associations with children's body composition, activity patterns, fitness, diet, health, and academic

achievement.

Childhood

Obesity.

<https://doi.org/10.1089/chi.2022.0054>

Zhang, R., & Zhenhong, W. (2024). Effects of helicopter parenting, tiger parenting and inhibitory control on the development of children's anxiety and depressive symptoms. *Child Psychiatry & Human Development*. <https://doi.org/10.1007/s10578-024-01685-3>

Qiu, Z., Guo, Y., Wang, J., & Zhang, H. (2022). Associations of parenting style and resilience with depression and anxiety symptoms in Chinese middle school students. *Frontiers in Psychology*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.897339>

Editoras Responsáveis: Débora Patricia Nemer Pinheiro e Thainara Granero de Melo

Recebido/Received: 28.04.2025 / 04.28.2025

Aprovado/Approved: 27.08.2025 / 08.27.2025